

PERSPECTIVAS

Capital estrangeiro só espera definições

COMO FICARÁ O BRASIL

Cenário pessimista



- Dificuldades de Fernando Henrique conduzir ajustes estruturais no setor público.
- Estabilização da inflação em torno de 3% ao mês.
- Crescimento anual da economia de cerca de 4% nos próximos anos.

Cenário otimista



- Condução efetiva dos ajustes estruturais.
- Redução da inflação a cerca de 10% ao ano (0,7% ao mês).
- Crescimento médio anual da economia superior a 6% nos próximos anos.

Setores mais favorecidos na expansão brasileira



- Papel e celulose
- Petroquímica
- Siderurgia
- Serviços financeiros bancários (demanda por crédito)
- Serviços financeiros no mercado de capitais (crescente internacionalização)
- Comércio varejista
- Alimentação

Fonte: AFI/Arthur Andersen.

Investidores nacionais também esperam pelas primeiras atitudes do novo governo e pelas reformas estruturais antes de decidir, mas projetos de ampliação já começam a sair das gavetas

COSTÁBILE NICOLETTA

Um grande volume de capital estrangeiro disposto a ingressar no País está à espera do que fará o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, assim que assumir o cargo em 1º de janeiro. Investidores nacionais também aguardam seus pronunciamentos sobre as diretrizes a ser adotadas quanto a política tributária, cambial, privatizações, juros e reforma estrutural do Estado para saber onde colocar seu dinheiro.

"Temos um cliente que pretende investir US\$ 180 milhões no Brasil e está à espera do que Fernando Henrique vai fazer", diz o presidente da Associados em Finanças e Investimentos (AFI), Ney Roberto Ottoni de Brito. A AFI recentemente formou uma parceria com a Arthur Andersen para prestar serviços a investidores estrangeiros interessados no Brasil.

Um desses serviços é traçar cenários econômicos para esses investidores entenderem melhor o País. Na avaliação da AFI, a infla-

ção brasileira deve ser de 2,5% em dezembro e pode estabilizar-se entre 2,5% e 3% ao mês em 1995, tomando-se como base um quadro mais pessimista, partindo-se do pressuposto de que FHC tenha dificuldade de conduzir os ajustes estruturais necessários ao Estado. Segundo a AFI, a inflação deve ficar abaixo desse patamar se essas reformas (previdenciária, fiscal, por exemplo) forem efetivamente postas em prática.

"Ninguém, na área industrial, trabalha com expectativas inferiores a 3% ao mês de inflação, mas também não se fala em índices muito superiores a esse nível", afirma o consultor Márcio Orlandi, da Fundamental Research. O impacto dos aumentos salariais no final de ano, aliado aos altos juros cobrados no mercado e à polí-

tica cambial que está sobrevalorizando o real, tem feito os industriais ficarem com o dedo no gatilho para alinhar seus preços.

O último trimestre do ano, na opinião dos consultores, tem animado as indústrias, que estão com sua carteira de pedidos recheada com encomendas do comércio, suficientes para tomar sua capacidade de produção até os primeiros meses do ano que vem. Isso tem produzido um clima de otimismo

no empresariado, que já coloca sobre a mesa projetos de expansão que repousavam nas gavetas.

Acrescente-se a esse aspecto a concorrência internacional e a proximidade do Mercosul para fortalecer a necessidade de conduzir esses projetos, seja unindo-se a novos sócios ou comprando concorrentes. "Há um

grande número de empresas sendo analisadas por investidores, mesmo sem saber", diz Orlandi.

Os investimentos podem vir de capitais anônimos, hoje guardados em grandes saldos nos bancos;

dos fundos de pensão — sempre ávidos por novos negócios — e de investidores não-institucionais, detentores de boas quantias à espera de uma boa oportunidade para comprar uma empresa.

De acordo com Ney Brito, da AFI, as empresas precisam reestruturar-se para ganhar escala e produtividade. Ele cita como exemplo os pequenos bancos, que estão sofrendo uma crise de liquidez com a estabilização da economia. "Os setores muito fragmentados devem passar por um ajuste para obter essa produtividade, caso da petroquímica, da área de alimentos e de ferro fundido."

A velocidade do processo de privatização também influenciará os negócios de fusões e aquisições e poderá desviar a atenção dos investidores das empresas privadas para as estatais, sobretudo as de energia e telecomunicações, que estão deixando a comunidade internacional com água na boca.

"O Brasil vive uma situação inédita, em que muda o governo, mas continua a equipe econômica. Além disso, Fernando Henrique tem um grande respaldo tanto popular como entre os partidos e há consenso técnico sobre as reformas", analisa o vice-presidente do Conselho Regional de Economia, Antonio Correia Lacerda.

**CENÁRIO
PESSIMISTA
PREVÊ
INFLAÇÃO DE
NO MÁXIMO
3% AO MÊS
EM 95**